

UNIVERSIDADE FEDERAL DE MINAS GERAIS  
Faculdade de Filosofia e Ciências Humanas  
Especialização em Imagens e Culturas Midiáticas

Marcella Araci Caldeira Sing

**QUEM É VOCÊ?**

**Uma análise da criação de identidades no Facebook**

Belo Horizonte  
2011

Marcella Araci Caldeira Sing

**QUEM É VOCÊ?**

**Uma análise da criação de identidades no Facebook**

Monografia apresentada à Faculdade de Filosofia e Ciências Humanas da Universidade Federal de Minas Gerais, como requisito parcial para obtenção de título de Especialista em Imagens e Culturas Midiáticas

Orientadora: Ângela Marques

Belo Horizonte  
2011

## **Resumo**

Partindo do pressuposto de que o processo de globalização mudou a forma como as identidades são construídas e narradas, o presente trabalho tem como objetivo analisar como se dá a representação dos sujeitos na rede, tendo em vista a formação de suas identidades por meio de posicionamentos discursivos. Para tanto, efetua-se uma análise de três perfis pertencentes a um grupo de defensores dos animais no Facebook. Para tanto, foram considerados estudos de importantes autores, como Sherry Turkle, Manuel Castells, Ruth Amossy e Stuart Hall.

**Palavras-chave:** Identidade, Facebook, Identificação, Self , Mídia Social

## 1. INTRODUÇÃO

Uma mídia social como o Facebook, que se apresenta como site de relacionamento, é um espaço no qual o indivíduo tem a possibilidade de compartilhar suas preferências e ideais não só com pessoas do convívio face a face — que ocorre na vida real —, como com aqueles com as quais interagem somente via dispositivos eletrônicos (computadores de mesa ou portáteis, smartphones e, mais recentemente, tablets) devidamente conectados à internet. Ao criar um perfil, nomeado às páginas pessoais em sites de relacionamento, é comum o indivíduo ter que responder a um breve questionário em que ele deve descrever suas características gerais como sexo, idade, religião, grau de instrução, filmes e músicas preferidos, entre outros.

Entretanto, a questão central está na intrigante pergunta: "Quem sou eu?", a partir da qual o indivíduo precisa descrever, em poucas palavras, como ele se apresenta para o mundo, ou seja, quais características ele considera relevantes para a construção das suas identidades.

Em sociedades tradicionais, a identidade era tida como algo fixo, que surge concomitantemente ao nascimento do sujeito (HALL, 2000). Todavia, esse conceito de identidade já não é possível ser sustentado na contemporaneidade, principalmente com o advento da globalização, que proporciona a pluralidade cultural e uma grande volatilidade das identificações produzidas pelos sujeitos. Atualmente, a identidade pode ser definida como algo em constante mudança, como afirma Lúcia Santaella (2007) ao afirmar que a identidade é resultado de um trabalho de construção do ser ao passo que ele, o sujeito, é racional e responsável por suas ações, que por sua vez, determinam sua identidade.

Sendo assim, a pergunta "Quem sou eu?", presente nos questionários iniciais de criação do perfil nas mídias sociais, possui diferentes implicações, uma vez que o indivíduo é multifacetado em suas representações, assumindo posturas e papéis distintos em cada situação comunicativa. Para responder a tal questionamento, é

preciso levar em consideração diversos aspectos da experiência, como explica Stuart Hall:

A representação inclui as práticas de significação e os sistemas simbólicos por meio dos quais os significados são produzidos, posicionando-nos como sujeito. É por meio dos significados produzidos pelas representações que damos sentido à nossa experiência e àquilo que somos. (HALL, 1997, p. 17).

As questões que permeiam a criação da identidade na mídia social esbarram no próprio conceito de identidade, que diz não de uma característica única ou essencial do indivíduo, mas sim de um projeto narrativo baseado na articulação reflexiva e relacional de experiências da vida cotidiana. Ao responder à pergunta "Quem sou eu?", o indivíduo assume uma determinada posição de sujeito (HALL, 1997) que pode corresponder tanto ao momento atual vivido por ele quanto ao desejo de ser alguém que, na prática, não é. No universo online, o sujeito pode construir múltiplas "faces", alternando sua representação de acordo com as identificações que lhe proporcionam construir as mais diferentes identidades, uma vez que, estando protegido pelo anonimato proporcionado pela comunicação via computador, ele tem a possibilidade de escolher as características que lhe convêm, mesmo que não as possua na vida real. Um rapaz de baixa estatura, por exemplo, pode informar que é alto e ser assim considerado pelos contatos na internet que não o conhecem pessoalmente. Contudo, as características escolhidas devem ser reafirmadas nos posts — nome dado às publicações feitas no chamado mural — sob o risco de o perfil do site ser interpretado como falso. Assim, se o sujeito se autodenomina no Facebook como protetor dos animais, grupo analisado no presente artigo, seria incoerente a postagem de material que mostrasse, de forma cômica, maus tratos feitos a um cachorro.

Para atingir o objetivo proposto nesse artigo será realizado um trabalho de investigação acerca de perfis de pessoas que se autodenominam favoráveis a alguma causa de cunho social. Para o presente artigo, o grupo analisado terá como característica comum a proteção dos animais, sendo observados os seguintes usuários: Raquel Madaleno, Lívia Coelho e Nínive Ramos. Serão percebidos os termos utilizados pelos usuários para definir sua(s) identidade(s), bem como as páginas de interesse e o círculo de amigos. Este último não será aprofundado, uma

vez que não há tempo hábil para tal, sendo levados em conta as interações feitas no período de 1<sup>a</sup> a 10 de novembro de 2011. A partir desse levantamento, os dados colhidos foram analisados sob a ótica dos autores estudados, levando em consideração o caráter flexível da identidade, confrontando informações que serão imprescindíveis para avaliarmos como as pessoas constroem suas identidades narrativamente com o auxílio da mídia e, especialmente, de redes sociais como o Facebook.

## **2. IDENTIDADES HÍBRIDAS: DIMENSÕES CONCEITUAIS**

O indivíduo se constitui por meio de suas experiências e interações com o outro e com o mundo, desenvolvendo, então, sua identidade, entendida aqui como projeto em constante construção (HALL, 1997). Contudo, a noção de identidade tem mudado com o tempo e as inúmeras pesquisas sobre o tema auxiliam na redefinição do conceito. De forma geral, são três as vertentes de conceituação de identidade: 1) sujeito do iluminismo, que defende que o indivíduo nasce com uma determinada identidade e a mantém intacta até o fim da vida, como uma herança biológica (perspectiva essencialista); 2) sujeito sociológico, que é influenciado pelo processo de industrialização e acesso à diferentes culturas, tornando as identidades instáveis. A identidade se transforma em objeto de reflexão e questionamento; 3) sujeito pós-moderno, definição mais aceita atualmente, na qual a identidade é tida como algo em contínua construção, podendo o indivíduo assumir diferentes identidades, ou assumir posições de sujeito ao longo do tempo (HALL, 2000). Partindo do pressuposto de que a identidade não é algo fixo, Stuart Hall afirma que essa variação constante de identidades é “formada e transformada continuamente em relação às formas pelas quais somos representados ou interpelados nos sistemas culturais que nos rodeiam” (HALL, 2000, p 13). Para esse autor, a idéia que temos da identidade como algo coerente, unificado e pleno não passa de uma fantasia:

Se sentimos que temos uma identidade unificada do nascimento à morte, é somente porque construímos um história confortante ou uma “narrativa do *self*” sobre nós mesmos. A identidade totalmente segura, completa, unificada e coerente é uma fantasia. Ao contrário, à medida que os sistemas de significado e de representação cultural

multiplicam-se, confrontamo-nos com uma multiplicidade desconcertante e fugaz de identidades possíveis, podendo nos identificar com cada uma delas – ao menos temporariamente (Hall, 1997, p.10).

Sendo o sujeito afetado diretamente pelo meio em que vive, pode-se afirmar que a identidade é relacional e múltipla, podendo, muitas vezes, ser contraditória e frutos de várias sobreposições, uma vez que o indivíduo tem capacidade de interação simultânea em grupos distintos (HALL, 2000). E, é devido ao seu caráter múltiplo que o termo “identidade”, ao menos no presente trabalho, será utilizado, em grande parte, no plural, uma vez que as identidades construídas pelo sujeito também são plurais. A diversidade de identidades parte da própria condição do sujeito quanto à etnia, sexo, classe social, gênero, idade, entre outros fatores. Para exemplificar, pode-se citar um sujeito branco que faz parte do grupo masculino ao mesmo tempo em que pertence à classe alta e tem preferências homossexuais. Sua condição não exclui a possibilidade desse sujeito interagir tanto com indivíduos que também estão listados nas categorias acima descritas como com quem não se enquadra nesse perfil.

De acordo Hall (2000), o conceito pós-moderno de identidade indica a crescente necessidade de ‘estar’, em detrimento do ‘ser’. Assim, o indivíduo precisa estar inserido dentro de um contexto, nele estabelecendo relações que lhe permitam articular suas experiências de modo que ele esteja sempre em construção, em vez de já ser essencialmente alguém. Essa mudança possibilita a alternância de cenário onde o sujeito tem a liberdade de adquirir uma nova forma de estar. A essa forma diferenciada de lidar com as situações e de agir de acordo com o conhecimento prévio e com as expectativas dos interlocutores, dá-se o nome de representação, que consiste basicamente nos papéis assumidos pelo sujeito diante de diferentes interações e ambientes. Silva (2000, p.30), explica a representação ao falar que “não é difícil perceber que somos diferentemente posicionados, em diferentes momentos e em diferentes lugares, de acordo com os diferentes papéis sociais que estamos exercendo”. Uma pessoa no ambiente de trabalho se porta de uma forma diferente do que seria, por exemplo, em sua própria casa.

Tais distinções de comportamento são determinadas por um conjunto de fatores que são estabelecidos culturalmente pela sociedade. Essa representação produz significados e contribui para a formação do indivíduo e a criação de suas identidades. Assim, “é por meio dos significados produzidos pelas representações que damos sentido à nossa experiência e àquilo que somos” (SILVA, 2000, p. 17). Manuel Castells se aproxima do pensamento de Silva ao afirmar que a identidade é um “processo de construção de significado com base em um atributo cultural, ou ainda um conjunto de atributos culturais inter-relacionados, o(s) qual(ais) prevalece(m) sobre outras fontes de significado” (CASTELLS, 2001, p. 22).

A questão da diferença está intrinsecamente ligada ao conceito de identidade. O sujeito se define em relação ao outro em uma relação tensa e conflituosa em que o outro o interpela e o convida a estabelecer aproximações e distanciamentos entre mundos vividos distintos. Isso ocorre não só pelo fato de não existir homogeneidade (no sentido de raça, cor, religião, sexo, entre outros fatores) entre indivíduos, mas sobretudo porque nos definimos a partir daquilo que identificamos no outro que não corresponde às nossas crenças, valores e princípios.

A diferença é aquilo que separa uma identidade da outra, estabelecendo distinções, frequentemente na forma de oposições, (...), em que as identidades são construídas por meio de uma clara oposição entre ‘nós’ e ‘eles’. (...). É pela construção de sistemas classificatórios que a cultura nos propicia os meios pelos quais podemos dar sentido ao mundo social e construir significados (SILVA, 2000, p. 41).

Assim, percebe-se que é na relação com o outro que o eu emerge. A identidade, então, se cria por meio da diferença, ao passo que o indivíduo se reafirma diante do que lhe reprime (HALL, 2000, p. 110). A identidade, então, se cria por meio da reivindicação daquilo que falta (reconhecimento social) ao indivíduo, de modo que ele se reafirma diante daquele que lhe reprime, numa constante tensão de poder. Por isso, a relação é criada “com aquilo que não é, com precisamente aquilo que falta” (SILVA, 2000, p. 110). Um homem negro, por exemplo, só pode se considerar como tal pelo fato de existir homens brancos. “Dessa maneira, o classificar pela diferença aparece como um meio de sistematizar e ordenar” (OLIVEIRA, 2008, p. 213).



A grande questão que permeia a criação da identidade, hoje, se refere à chamada crise de identidade, em que o sujeito se confronta com sua atual condição e lugar, fazendo com que haja transformações e, conseqüentemente, a criação de outra identidade — daí a necessidade de tratar a identidade como algo mutável. Segundo Hall (1997), a crise de identidade provoca a fragmentação do sujeito e é desencadeada pela modernidade e potencializada pela globalização, diferentemente do que ocorria no passado, quando os sujeitos tinham mais facilidade, devido à escassez de referências, para se localizar no espaço, dentro de um determinado parâmetro social. Diante disso, as classes culturais às quais o indivíduo pertence — classe social, etnia, sexo, entre outros —, deixam de exercer a mesma influência sobre o sujeito, causando o descentramento e ausência de referenciais fixos.

A globalização, entretanto, produz diferentes resultados em termos de identidade. A homogeneidade cultural promovida pelo mercado global pode levar ao distanciamento da identidade relativamente à comunidade e à cultura local. De forma alternativa, pode levar a uma resistência que pode fortalecer e reafirmar algumas identidades nacionais e locais ou levar ao surgimento de novas posições de identidade (SILVA, 2000, p. 21).

A globalização imprime mudança nas condições de vida e representação social do sujeito, que passa a contar com uma gama maior de escolhas e referências para configurar seu agir e suas identidades. Nesse sentido, a mídia contribui para a descentralização do sujeito, proporcionando-lhe uma ampla variação de identidades possíveis. Utilizando-se, por exemplo, de sites de relacionamento, objeto de estudo do presente trabalho, o sujeito pode, por meio de estratégias e táticas, formar um novo “eu”, que pode transformado a qualquer momento.

### **3. IDENTIDADE NAS MÍDIAS SOCIAIS**

A discussão em torno de uma nova conceituação de identidade se tornou essencial para os estudos acerca das mídias sociais<sup>1</sup>. Desde a criação de um perfil até as

---

<sup>1</sup> Importante justificar que o termo "mídia social" se refere a um meio, que pode ser entendido como site de relacionamento ou blog, em que diferentes indivíduos podem se conectar entre si e

interações com outros usuários, passando pelas atualizações postadas, todas as ações do sujeito nos sites de relacionamento estão articuladas com o projeto de construção identitária por ele definido. Tal projeto resulta da organização narrativa de diferentes fragmentos de experiências concretas e virtuais que um sujeito vivencia a curto e longo prazos. Se, na vida concreta, na interação face a face, o sujeito tem a possibilidade de alternar as várias identificações que possui e posições de sujeito que ocupa, na web essa troca pode ser ampliada, com o auxílio do anonimato — levando em consideração que o sujeito pode criar um perfil com informações que propositalmente não condizem com a sua real caracterização. A web, assim, se torna um espaço no qual o indivíduo pode mostrar, esconder e criar determinadas características que lhe convêm.

Mas, para além disso, os espaços interativos da rede nos oferecem uma oportunidade rara: testar nossas identificações e identidades de maneira reflexiva, pois é neles que podemos apresentar e representar diferentes “faces” e papéis (Goffman, 2005), verificando quais delas são aceitas e percebendo os valores que demarcam sua aceitação ou rejeição para que possamos aprimorar nosso *self* e nosso modo de nos relacionarmos conosco e com os outros. Como aponta Turkle:

O ciberespaço abre a possibilidade para o jogo identitário, mas esse é um jogo muito sério. As pessoas que cultivam uma preocupação com o que está por trás de suas ‘personas na tela’ são aquelas que podem ter sucesso em utilizar a experiência virtual para produzir transformações sociais e pessoais. O que o meu comportamento no ciberespaço me diz sobre o que eu quero, quem sou, e o que eu não quero me tornar? Não podemos desconsiderar questões de multiplicidade, complexidade e ambivalência; do poder do simbolismo, das palavras e do jogo da identidade enquanto lutamos para dar sentido a nossas vidas na tela (1997, p.56)

A possibilidade de construir uma identidade na internet tomou força no ano de 2004, com o advento do Orkut, uma mídia social – também chamado de site de relacionamento - que permite aos usuários formatarem um perfil próprio por meio de informações, fotos e comunidades. Ao criar uma conta no site, o usuário é convidado a responder um questionário abordando suas preferências pessoais – estilo musical, livros, filmes, esporte que pratica ou acompanha, se está em algum relacionamento

---

compartilhar informações diversas, mesmo que essa informação não seja de interesse de todos. Já "rede social" está inserida na "mídia social" e se refere a um nicho, ou seja, uma comunidade dentro dos sites em que os indivíduos possuem as mesmas preferências. (COSTA, 2008).

amoroso, grau de instrução, preferência sexual, entre outros – e escolher uma foto que melhor o define. Nesse sentido, “muitas pessoas apreendem a identidade como um conjunto de papéis que podem ser misturados e acoplados” (Turkle, 1997, p.265).

Com a página pessoal criada, o usuário pode adicionar pessoas, de seu convívio pessoal ou não, a seu círculo de amizade, além de entrar em comunidades que tratam de assuntos de seu interesse. Ao final do processo de construção do perfil, cria-se, também, uma *persona*, que será divulgada por meio “pistas” variadas e construída por meio de interações e postagens para os milhares de usuários da rede. Na verdade, perfil de uma pessoa reúne um conjunto de fragmentos que deverão ser ordenados por aqueles que acessam a rede social e interagem com o “dono” do perfil.

Para Natal, Homer e Falcão (2010), as redes sociais podem ser encaradas como grandes “arquivos de partes”. Tais partes que formam uma *persona* que as emite em uma ou mais redes sociais, e que deixa rastros de sua formação e evolução. Cabe ao interpretante (usuário das mesmas redes, ou alguma delas) reconstruir a *persona*, conforme seus ideais, pré-conceitos e objetivos. Dependendo do interpretante e das partes mais ou menos visíveis disponibilizadas pelo emissor, a *persona* pode ser formada por uma matriz de combinações. “O que se pode inferir, é que essa formação identitária pretendida depende dos modos pelos quais a informação é disponibilizada pelo emissor e das práticas relacionais estabelecidas no âmbito da recepção” (2010, p.6).

É nas interações comunicativas que a identidade toma forma e ganha densidade. Assim, é preciso deixar claro que espaços relacionais da rede permitem a criação e divulgação de *personas* que posteriormente formam a base de identidades constituídas por meio de vínculos e das narrativas que os sustentam. “As noções individuais de eu desaparecem, dando lugar ao ‘primado das relações’. Deixamos de acreditar num eu independente da teia de relações na qual estamos mergulhados” (Turkle, 1997, p.385).

No ano de 2009, o Orkut, até então a mídia social mais utilizada pelos brasileiros, perdeu espaço para o recém criado Facebook<sup>2</sup>, um site de relacionamento semelhante ao concorrente, porém com mudanças em nomenclatura, como ocorre no caso das comunidades, que no Facebook ganhou o nome de página. Para compartilhar informações, fotos e reunir fãs, uma determinada banda musical, por exemplo, pode criar uma página no site, ao invés de uma comunidade. Para participar do grupo de pessoas que gostam da banda, o usuário deve clicar no botão “curtir”, disponível em postagens e páginas, e passa a receber, diretamente em seu mural, as postagens realizadas pela tal banda, em tempo real. A ação de “curtir” é disponibilizada no mural dos usuários que o tem na lista de contato, mesmo que esses não tenham “curtido” a página da banda. Com essa interação, o dono do perfil mostra às pessoas que estão conectadas que não só gosta da banda mas que está ligado a ela por aquele vínculo, estando interessado em visualizar o conteúdo atualizado por ela. A ação constitui na afirmação do usuário por sua preferência.

Assim como ocorre no Orkut, os usuários do Facebook também devem preencher os campos nome e foto, requisitos básicos para a criação da conta o site de relacionamento. Essa etapa é importante para que se possa identificar o indivíduo e adicioná-lo à sua lista de contatos. Alguns, porém, optam por apelidos – ou *nicknames*, em linguagem de internet – e fotos que não de si mesmos, dificultando a identificação, restringindo o reconhecimento a pessoas capazes de perceber as características contidas nas duas informações. Ao não inserir dados que correspondem à realidade, o usuário demonstra que pretende ressaltar características que considera possuir ou que gostaria de ter. Considera-se, também, a hipótese de tentativa do usuário em se adequar a um determinado grupo, mostrando que possui características para pertencer a ele (FRANÇA, 2006, p. 5). Como o que está em pauta é a reputação, o usuário busca atender às expectativas dos visitantes do seu perfil, postando conteúdo referente à identidade que ele escolheu para aquele momento. Daí, percebe-se o conceito de representação ou performance presente, também e de forma incisiva, nas mídias sociais.

---

<sup>2</sup> De acordo com dados do IBOPE, em setembro, o Facebook ultrapassou o Orkut em número de usuários, se tornando o site de relacionamento mais acessado no país. Atualmente, o Facebook conta com cerca de 30 milhões de perfis, 3 milhões a mais que o concorrente.

A representação no site de relacionamento é medida por meio das interações sociais, ou seja, pelas atualizações e postagens no mural de outros usuários. Analisando sob a ótica de Goffman (2005), a representação está ligada ao modo como os indivíduos interagem em situações face a face de maneira codificada e não de modo espontâneo. Dito de outro modo, ao representar papéis os indivíduos são atores e suas interações são pequenas peças teatrais. Em tais peças, a performance do ator social se dá a ver em um cenário, palco que confere visibilidade à forma como o indivíduo se apresenta aos outros e os mecanismos por ele utilizados. Em uma analogia com as redes, seria “a *home page* da página pessoal do Facebook, assim como as mensagens que circulam no mural” (FONSECA, 2010, p. 12).

Mas os atores também podem descansar da interpretação, deixando cair a máscara nos bastidores, espaço em que os atores retocam a “fachada”, descansam das interpretações forçadas e podem revelar-se em suas fragilidades. No âmbito virtual, o bastidor é o lugar da “intimidade da interação virtual, onde são suscitadas questões relativas às motivações dos actores” (FONSECA, 2010, p. 12). O perfil que servirá de vitrine para os demais usuários é formado nos bastidores, onde estão reunidas as características do indivíduo. Contudo, autores como Fernanda Bruno apontam que cada vez menos os usuários da rede refletem sobre sua subjetividade antes de postarem suas experiências na web: o sujeito não exterioriza um mundo interior, mas constrói esse mundo no próprio ato de exteriorizá-lo. Para ela, os bastidores tendem a desaparecer, uma vez que os sujeitos constroem sua interioridade no próprio ato performático de torná-la visível.

Com as novas tecnologias não se trata tanto da exteriorização de uma interioridade constituída, por natureza recôndita, que passa a se expor, mas principalmente de uma subjetividade que se constitui prioritariamente na própria exterioridade, no ato de se fazer visível ao outro (BRUNO, 2004, p.116).

Essa construção da identidade por meio do tornar-se visível ao outro contribui para a criação do *ethos*, definido por Amossy (2005) como a forma que o sujeito constrói a si mesmo por meio do discurso. Assim, *ethos* é a representação da identidade, formação de uma imagem que será compartilhada com os demais, buscando convencê-los de sua legitimidade.

A função da imagem de si e do outro construída no discurso se manifesta plenamente nessa perspectiva interacional. Dizer que os participantes interagem é supor que a imagem de si construída no e pelo discurso participa da influência que exercem um sobre o outro. (Amossy, 2005, p.12)

Ao buscar a legitimidade e o reconhecimento de seu ethos, o usuário da rede tende a esconder informações que não condizem com o seu “eu inventado” ou desejado. Dessa forma, o perfil do Facebook se torna “uma espécie de espelho privilegiado: um espelho que não nos reflecte necessariamente a nós, mas sim a idealização por nós construída” (FONSECA, 2010, p. 14).

O perfil construído, as qualidades enaltecidas pelo próprio, parecem assim corresponder ao que se espera de uma autodefinição online, de uma possibilidade quase inédita de criar uma imagem de si quase como se de um currículo se tratasse, mas sem os constrangimentos associados à possibilidade de verificação real do rigor do conteúdo. A definição do “eu” virtual permite um exercício de construção que obriga a uma reflexão [...] sobre o que deve ser ou não valorizado nesse perfil (FONSECA, 2010, p. 14)

Contudo, o usuário não está livre da averiguação das informações que posta online: existe, por exemplo, a possibilidade de que as pessoas que são de seu convívio off-line possam flagrar a informação errônea e passar, assim, a duvidar do caráter, da veracidade e da correção do emissor. Mesmo quando este insere informações que não correspondem necessariamente à realidade, não se deve considerá-las como mentira. Com essa afirmação, apoiada nas ideias de Goffman (2005), volta-se à definição de representação, na qual o sujeito assume diferentes posturas em ambientes distintos. Na web, assim como na vida concreta, os enunciados de um indivíduo não podem ser tomados como mentira pura e simplesmente, mas devem ser vistos como uma forma de adequação à uma determinada situação com o intuito de atender às expectativas da audiência. Nesse caso, pode-se perceber essas adequações em sua íntima relação como o caráter multifacetado do sujeito, que possui inúmeras características que podem ser destacadas em detrimento de outras, “pois há muito que o ator poderia revelar sobre si próprio, e essa possibilidade acaba por reduzir a necessidade de mentir” (FONSECA, 2010, p. 17).

Essa possibilidade facilita, em certa medida, a interação do sujeito com os outros, já que ele pode assumir uma identificação sem se importar com determinados bloqueios sociais, como o preconceito. No Facebook, o perfil é editável, ou seja, o

usuário tem a chance de reformular a identidade que será publicada. O usuário pode mudar toda e qualquer informação inserida no momento do cadastro, inclusive o nome de exibição. Essas alterações variam de acordo com o que lhe convém e com sua forma de agir e pensar em épocas distintas, pautando a construção de significado durante sua existência. O mesmo pode acontecer com as preferências. No caso da defesa de causas sociais - em particular os direitos dos animais, que será o foco da análise do presente artigo -, o sujeito pode não mais sustentar sua militância em detrimento de outras causas. O que não significa que o sujeito deixará de defender a ideia inicial adotando atitudes contrárias – mas não estando isento de tal mudança radical -, mas pode não externar o interesse, investindo em outro tema que lhe pareça mais relevante para aquele momento. Reiterando o caráter multifacetado do indivíduo, pode-se afirmar que as identidades não são “completamente determinadas – no sentido de que se pode, sempre “ganhá-las” ou “perdê-las”; no sentido de que elas podem ser, sempre, sustentadas ou abandonadas” (HALL, 2000, p. 106).

#### **4. ANÁLISE**

Embasado em estudos realizados acerca da criação da identidade, o presente trabalho se propõe a analisar perfis de três usuárias do site Facebook: Raquel Madaleno, pós-graduanda, 25 anos, solteira; Lívia Coelho, graduada, 28 anos, solteira; e Nínive Ramos, estudante, 32 anos, solteira. Importante salientar que os perfis foram selecionados a partir da lista de contatos da autora, possibilitando o acesso irrestrito<sup>3</sup> às informações publicadas, tanto no perfil descritivo quanto no mural.

Para minimizar o nível de influência, foi realizada, no dia 1º de dezembro de 2011, uma entrevista semi-estruturada com as proprietárias dos perfis, na qual foram feitas as seguintes perguntas: 1) Como você se define?, 2) O que te motivou a criar um

---

<sup>3</sup> Parte-se do pressuposto de que a autora do presente artigo possui acesso a todos os dados e postagens publicadas pelos referidos usuários por também fazer parte da lista de contato. Com isso, ignora-se o fato de que os usuários podem ter classificado seus contatos por grupo, filtrando o conteúdo que estará disponível a cada um. Inclusive, a divisão dos grupos não é visível; portanto, não há como saber se o conteúdo está completo.

perfil no Facebook?, 3) Que tipo de conteúdo você não publicaria no Facebook e por que?, 4) Você leva em consideração a opinião alheia antes de publicar algo?, 5) Você considera a identidade que possui no Facebook a sua "verdadeira imagem"?, 6) O que você pensa sobre privacidade no Facebook? e 7) Você é militante de alguma causa?. Pretendia-se, assim utilizar as respostas dadas para complementar a análise do conteúdo publicado, confrontando informações, quando necessário.

Nossa investigação foi feita junto a um grupo no Facebook que partilha identificações e pontos de vista. Antes de avaliarmos seus perfis no Facebook, foram realizadas entrevistas por e-mail com o intuito de perceber nos depoimentos traços identitários que pudessem ser comparados àqueles presentes nas postagens habitualmente feitas no Facebook. Isso nos permitiu verificar com maior rigor a relação entre a descrição que as entrevistadas constroem em seu perfil e as ações que empreendem na prática. Como mencionado anteriormente, foram escolhidas pessoas que se engajam no tema “proteção aos animais”, assunto bastante difundido na mídia, muitas vezes tratado como polêmico — com acontece com competições de luta entre animais e uso de peles para fabricação de roupas. Outro fator que influenciou a escolha do tema é a fácil identificação e empatia que ele estabelece entre as pessoas, principalmente pelo fato de grande parte da população ter afeição à animais domésticos. Contudo, informações sobre animais selvagens e exóticos serão levadas em conta durante a análise, assim como os demais conteúdos postados. Os posts analisados foram publicados entre os dias 1 e 10 de novembro de 2011, período anterior à entrevista, para que não houvesse mudança no hábito de postagens das pessoas analisadas.

#### **4.1. Quem são vocês?**

Os perfis foram escolhidos com base na descrição e/ou publicações que se referem à causa animal, porém o estudo não está atrelado a esse fato somente. A análise irá abranger outras características para que possamos entender como os sujeitos se apresentam para o mundo e quais táticas utilizam para construir e afirmar suas identidades. Tudo isso, levando em consideração a afirmação de Goffman (2005) de que as informações divulgadas pelos indivíduos são essenciais para definir a



situação de interação. Assim, se os indivíduos “se dispuserem das informações adequadas, os outros saberão melhor como devem atuar” (GOFFMAN, 2005, p. 11).

Já pelo nome de exibição pode-se distinguir a intenção de cada usuária para com sua lista de contatos e outros que podem, porventura, ter interesse de entrar nos perfis. Raquel Madaleno, cujo nome completo é Raquel Madaleno Dale-Mole, reduziu sua identificação ao nome e um sobrenome, como se quisesse sugerir uma assinatura, impondo a forma como ela quer ser reconhecida. O mesmo ocorreu com Nínive de Fátima Ramos, que decidiu por utilizar somente o primeiro nome e o sobrenome. Lívia Coelho também utilizou a técnica de redução, porém exibe o nome Li Coelho, fato que limita sua identificação a contatos mais próximos ao mesmo tempo em que oferece a oportunidade de tratá-la de forma mais íntima. Em relação à idade, nenhuma das três optou por divulgá-la, deixando visível somente o dia e mês de nascimento. As fotos também são distintas e podem revelar o que cada uma pretende com seu perfil. Lívia não aparece como principal elemento de sua foto do perfil e, sim, seu cão; a foto também demonstra sua preferência pelo animal. Raquel aparece em ângulo mais fechado, focando seu rosto. Sua imagem possui indícios de edição feita em programa de computador, já que apresenta um fundo colorido com efeito esfumado. Nínive inseriu uma foto em que seu rosto é destacado. Porém, analisando o restante, percebe-se que ela estava abraçada a alguém no momento da foto, sugerindo que ela seja uma pessoa descontraída, que possui amigos e vai à festas. Assim, as usuárias tentam se mostrar diferentes de outros usuários da rede, determinando como querem ser vistas e reconhecidas, como uma forma de se destacar.

Criar uma conta em uma mídia social como o Facebook é aceitar, e desejar, ser visto por uma platéia que inclui não só pessoas conhecidas como também desconhecidos. Partindo desse pressuposto, podemos perceber que as usuárias aqui analisadas querem, de alguma forma, visibilidade. Contudo, na entrevista, as três mencionaram o contato com amigos como o motivo principal por estarem conectadas ao site. Segundo Raquel, sua inserção no Facebook se deve ao trabalho, que exigiu dela o conhecimento e criação de perfil para um cliente ao qual prestava assessoria. Sua permanência se deve ao fato de que seus amigos estavam migrando do Orkut para o Facebook. Nínive incluiu a interação aos seus motivos e Lívia a possibilidade de manter contato com pessoas que estão longe.

O campo “Quem sou eu”, onde é possível descrever a identidade que pretendem mostrar, não foi preenchido por nenhuma das usuárias. Isso mostra que elas deixam os visitantes totalmente livres para compor (via fragmentos narrativos) uma concepção própria acerca de sua(s) possível(is) identidade(s). Dessa forma, elas assumem o risco de serem categorizadas por outros. Nesse quesito, percebe-se que elas preferem desenvolver a identificação por meio de informações pontuais, como gosto musical, programas televisivos, filmes, entre outros, além de postagens e interações com outros usuários. Assim, a opinião que elas têm delas mesmas não é visível, ficando nas entrelinhas das publicações, como se não quisessem se expor. Natal, Homer e Falcão, apoiados em Goffman, afirmam que esconder-se atrás de frases e indícios selecionados faz parte da estratégia de gerenciamento da construção da imagem de si (e das impressões provocadas por essa imagem) através de um discurso que pretende fornecer a impressão de coerência e autenticidade.

[...] seria ingênuo pensar que quaisquer frases postadas possam ser naturais e espontâneas – mais que isso, elas fazem parte de um movimento cuidadoso para construir uma representação crédula de si. Mais que isso, esta construção de um perfil através de um fluxo contínuo de mensagens é parte da própria prática que alicerça a ferramenta: a auto representação é parte da construção de expectativas inerentes ao contexto situacional fomentado pelo facebook (Natal, Homer, Falcão, 2010, p.9)

Apesar de não publicarem informações sobre quem elas são, ou quem pretendem ser, as três não hesitaram em responder tal pergunta na entrevista. Nínive escreveu de forma direta e sucinta que se vê como “Paciente, comunicativa, engraçada”. Lívia, além de informar, justificou sua identificação, que ela considera “apaziguadora”. Inclusive, a usuária iniciou sua resposta afirmando o que ela considera ser parte de sua identidade: “Me defino como uma pessoa apaziguadora. Costumo apagar alguns incêndios entre as pessoas”. Ou seja, o que ela pensa de si é fruto de sua experiência com o mundo, com os outros e com o mundo dos outros. Raquel, ao responder a mesma questão das demais, inseriu uma observação, dizendo que “essa parte é a mais complicada de responder”. Ao que tudo indica, Raquel, que se considera “divertida e amiga”, sente dificuldade em se definir, diferentemente de Lívia e Nínive, que foram objetivas. Porém, todas se ativeram à expressão de características pessoais, não citando orientação política, cultural, entre

outros fatores que também são determinantes para posicionar o sujeito na sociedade.

Ao serem questionadas sobre a similaridade entre o que consideram ser sua identidade e a imagem construída e divulgada no Facebook, as três concordaram ao dizer que não se pode ser a mesma pessoa nas relações off-line e online. Somente Raquel afirmou que considera sua identidade bem próxima do que é fora do site. Aliás, Raquel não acredita que os sujeitos possuem a capacidade de se mostrarem da mesma forma, principalmente quando diz que “muita gente força a barra para passar uma imagem que não é real”. Essa frase denuncia a preocupação de Raquel em alinhar suas atitudes dentro e fora do Facebook. Uma vez que ela tem noção de que a representação existe, mas que em alguns casos se torna incomoda e, porque não dizer, falsa. Para Nínive, que considera sua identificação na mídia social como algo parcial, ela atribui o fato ao próprio caráter interativo do Facebook. Ao dizer que o site é “um espaço para compartilhar opiniões”, Nínive se mostra ciente de que suas publicações podem alterar a forma como as pessoas a vêem. Livia diz que procura não “se expor tanto” e, por esse motivo, o Facebook mostra parte do que ela considera ser. As respostas remetem à observação que Silva (2000, p. 109) faz quando afirma que as identidades “são construídas dentro e não fora do discurso”. Ou seja, o usuário observa o meio e analisa a representação cabível naquele contexto “no interior de formações e práticas discursivas específicas, por estratégias e iniciativas específicas” (SILVA, 2000, p. 109), até mesmo para se sentir inserido em grupos virtuais.

As três usuárias pertencem, de alguma forma, ao grupo de pessoas que defendem os direitos dos animais e, por meio das páginas que participam, elas explicitam seu apoio à causa. Analisando o conteúdo do perfil de cada uma e levando em consideração a quantidade de menções que fazem sobre o tema dos animais, Raquel Madaleno, é a que parece estar mais engajada e disposta a divulgar e partilhar sua preocupação com sua plateia/público, já que inseriu um poema sobre cães e gatos, intitulado “Por trás de um focinho”, no campo “Filosofia”. Nínive não preencheu o campo, enquanto Livia assumiu uma postura mais, digamos, agressiva com um pequeno poema que diz “Se teu santo por acaso/ Não bater com o meu/ Eu retomo o meu caminho/ E nada a declarar/ Meia culpa cada um/ Que vá cuidar do seu/ Se for só um arranhão/ Eu não vou nem soprar...”. O poema publicado mostra

que Livia não está aberta a amizades ou a conhecer pessoas a qualquer custo, não se importa com a quantidade de amigos, dando a entender que ela somente adiciona contatos que conhece pessoalmente ou “se o santo dela bater com o do outro”. Apesar dessa postura avessa à alteridade, é preciso considerar que:

Uma Persona qualquer existe em função das outras – quando existem intérpretes que lhe atribuem sentido ao conjunto formado pelas partes. É só através do outro que pode ser formalizada a imagem de uma persona. Os perfis precisam de seguidores, devem ser visíveis na rede, pois a invisibilidade de uma das partes pode causar ruído na formação pretendida pelo emissor (Natal, Homer e Falcão, 2010, p.10).

No tópico “Atividades e Interesses”, as usuárias podem acrescentar páginas que correspondem às coisas com as quais se identificam. Nesse âmbito, todas adicionaram páginas relativas à causa animal, em especial Raquel, que possui o maior número de adesão ao tema, incluindo duas organizações estrangeiras: a “*Free all bears from captivity and cruelty*”, que condena a captura de ursos, e “*Save the Mur Leopard*”, que visa preservar uma espécie de leopardo que está em extinção.

O caráter multifacetado das usuárias analisadas pode ser percebido ainda no perfil descritivo, também nas páginas curtidas. Na mesma lista, Raquel mantém grupos de defesa ao animal, humor, empresas, celebridades, veículos de comunicação e lojas. Livia possui uma lista menos extensa, mas igualmente variada, incluindo desde feira de adoção de bichos até estúdio de tatuagem e página de casamentos. Já Nínive, que tem em sua lista somente dez *fan pages*, sendo quatro dedicadas aos animais, participa de um grupo chamado “Minha vida sem nicotina”, deixando claro que ela pretende ou parou de fumar.

#### **4.2. Identidades no discurso**

Passando agora para as publicações no mural e interações com outros usuários, podemos perceber como os perfis selecionados se projetam para a platéia. Essa análise é importante, uma vez que é na interação que o indivíduo reafirma as identidades por ele construídas (FONSECA, 2000). Antes de analisar as publicações, é necessário atentar para as respostas dadas pelas entrevistadas quando perguntadas se defendem alguma causa – questão aberta para que as usuárias tivessem a oportunidade de responder sem sofrer influências. Todas

citaram espontaneamente a proteção aos animais como sendo um assunto de relevância. Nínive não assume ser militante, mas diz apoiar “instituições e pessoas que se preocupam com a defesa dos animais”. Nessa questão, Raquel afirmou ser “protetora assumida” dos direitos animais. Levando em consideração a quantidade de páginas sobre o assunto que ela mantém vinculada ao seu perfil, percebemos que a intenção da usuária é realmente mostrar o quanto ela se importa com os bichos. Lívia enfatizou sua militância: “24 horas do meu dia defendo e tento ajudar todo e qualquer animal. Me aproveito do Facebook para pedir ajuda e conscientização das pessoas sobre como a nossa sociedade vem tratando nossos bichinhos. É uma luta diária”.

Verificando as publicações realizadas pelas usuárias no período de 1º a 10 de novembro de 2011, podemos perceber que as respostas dadas ao questionário correspondem àquilo que as usuárias divulgam em seu mural. Dos 48 posts inseridos por Raquel no período analisado, 15 tinha ligação com bichos. Inclusive, Raquel foi lembrada por outros dois usuários de sua lista por disseminar os direitos dos animais. Isso prova que o tipo de identificação sustentada por Raquel se tornou marcante o suficiente para que pessoas enviassem conteúdo relacionado ao seu gosto e pedissem opinião sobre animais.

As postagens publicadas por Lívia também seguem a lógica da afirmação de identidade, tendo ela, proporcionalmente, mais posts sobre animais que Raquel – dos 25 encontrados no período, 11 foram sobre animais, em sua maioria, denúncias de maus tratos. Já Nínive, que disse apoiar pessoas e instituições que lutam em prol dos bichos, não postou conteúdo cujo foco principal era animal, tampouco fez denúncias. Dos nove posts analisados em seu perfil, somente um, uma foto, tinha algum tipo de ligação com bichos.

O conteúdo das postagens foi tema central de duas questões da entrevista. A primeira, sobre o tipo de assunto que costuma postar, Lívia listou temas que não publicaria, como pornografia, incitação à violência ou qualquer conteúdo que pudesse prejudicar alguém. Sua justificativa foi: “Não publico coisas que não me atraem ou que não são do meu interesse. [...] Questão de princípios”. Na segunda pergunta, que tratava da influência alheia nas postagens, Lívia reiterou sua posição: “Não me importo com a opinião das pessoas. Quem me conhece sabe que sou o

que sou”. Com essa resposta, fica claro que Livia defende as identidades criadas por ela, não se importando com a repercussão que elas podem gerar. Essa foi forma encontrada por Livia para reafirmar o *self* que está visível tanto para contatos mais próximos como para a platéia desconhecida.

Contudo, por mais que Livia mencione que não se importa com as reações daqueles que com ela interagem, é visível em seus posts um grande cuidado com as postagens que realiza, ou seja, com a construção de sua persona virtual. Vimos anteriormente que “todo ato de tomar a palavra implica a construção de uma imagem de si” (Amossy, 2008, p. 8) e que a essa imagem de si no discurso chamamos de *ethos*. Como parte essencial de todo ato de enunciação, o *ethos* utiliza-se de recursos retóricos para causar boa impressão pela forma como o discurso se estabelece, a dar uma imagem de si capaz de persuadir o auditório, conquistar sua confiança.

Raquel busca filtrar o conteúdo postado por ela, se preocupando com a opinião alheia. “Publico, na maior parte, assuntos relacionados a animais, tanto coisas “fofinhas” (grifo da usuária) como, principalmente, assuntos que abordam os maus tratos e abandono. Mas gosto de compartilhar todo tipo de post sobre algo social”. Quanto às publicações, Raquel considera o Facebook uma ferramenta de contato, não sendo, de acordo com ela, necessário postar sobre tudo o que acha interessante. “Quando é assim, compartilho apenas com pessoas que eu tenho certeza que vão gostar”. A frase de Raquel demonstra que ela busca direcionar suas postagens à uma platéia específica, moldando, assim, o *self* idealizado por ela. Nínive, que das três é a possui menor atividade no site de relacionamento, informou que não publica conteúdo discriminatório e que sempre leva em consideração a opinião alheia antes de postar em seu mural, provando que também se preocupa com a identificação por ela criada.

Entretanto, mesmo com a possibilidade de direcionar e suprimir conteúdo, os perfis no Facebook não escapam à exposição para a platéia desconhecida, ou seja, os usuários que não fazem parte da lista de contato, estando à mercê de uma interpretação distinta daquela proposta pelas usuárias. Dessa forma, a construção do *self* deixa de ser totalmente controlada pelo usuário, que, de acordo com Silva, perde a capacidade de direcionar seu desempenho e mesmo de gerenciar as

imagens que projeta (SILVA, 2000). Por meio da análise das respostas do questionário podemos perceber que as três usuárias, de forma consciente ou não, criam mecanismos para que o *self* não seja deturpado.

Goffman (2005) sugere que as interações sociais estão diretamente relacionadas à construção das identidades do sujeito. Elas dependem do momento em que o indivíduo tem a possibilidade de “assumir vários papéis, dependendo das expectativas e exigências da ‘assistência’, constituída pelos outros com quem se interage” (FONSECA, 2000, p. 10). Nesse sentido, analisando as postagens das usuárias, percebemos que as identificações por elas idealizada são predominantes no mural. Lívia interage com seus contatos com posts sobre animais, humor, frase motivacionais – que vão ao encontro da definição dada sobre ela, de apaziguadora – e questões ligadas ao Rock, seu estilo musical preferido. Publicações de outros em seu mural com frases como “Saudades! Como você está?”, não foram respondidas por ela, o que mostra que, quando a interação ultrapassa os limites do online e são direcionadas à sentimentos e sensações do mundo offline, Lívia prefere se preservar. Lembrando que usuária tem a opção de resposta privada à pessoa que lhe perguntou. Assim, a usuária procura manter certa privacidade, mesmo tendo dito, em entrevista, que “quem quer privacidade, nem deveria ter computador em casa”. A forma encontrada por ela para não se expor é não responder à essas interações de forma aberta, visível.

Raquel considera a privacidade no Facebook “uma coisa bem ambígua”. Para ela, se o indivíduo pretende manter total privacidade, não deve criar perfis, já que “expor sua foto e nome, já é se expor muito, imagina compartilhar informações”. Ciente disso, Raquel parece não hesitar em responder, no próprio mural, questões que falam de sua identificação no âmbito off-line. Por meio dos posts, a usuária informa o tipo de roupa que está usando – “Dica do dia: jaqueta jeans não esquenta!” -, para onde está indo – “hoje é dia de sítio, bebê!” -, suas frustrações – “eu tenho mesmo que estudar?” -, entre outros. Além disso, Raquel posta fotos suas em eventos, incluindo em que aparece como voluntária, reafirmando seu caráter humanitário.

Nínive, que respondeu que “uma ferramenta como o Facebook não poderia ser totalmente restrita, já que é um espaço para divulgar, compartilhar e discutir ideias em comum” possui, como dito anteriormente, pouca interação com outros usuários.

Apesar de participar de grupo de proteção aos animais, Nínive disse em entrevista somente apoiar pessoas que defendem os animais e, em suas postagens, podemos perceber sua não militância. A usuária possui somente um post com foto de animais em que escreve “Bom dia”. Um elemento comum nas publicações de Nínive são as frases soltas – como “... subornando o meu desejo” – nas quais a usuária posta sem intenção de obter respostas, funcionando como um local para externar, de forma implícita, algo que esteja acontecendo off-line.

## **5. Considerações finais**

Após o estudo teórico acerca do conceito de identidade e a criação de identificações no Facebook, foi possível analisar o perfil das três usuárias na mídia social. Devido ao caráter multifacetado dos sujeitos, não se pode chegar à identificação de um *self* estático, essencial e pre-definido. Percebemos essa miscelânea de representações nas falas e posts das usuárias, que hora publicam informações sobre animais, tanto negativas como positivas, hora sobre festas, músicas e assuntos relevantes à sociedade. A reafirmação das posições de sujeito propostas por elas acontece tanto na descrição de suas preferências, como nas interações com outros usuários. Aliando a análise do mural com as respostas dadas durante as entrevistas, compreendemos que as usuárias, de alguma forma, entendem o papel da ferramenta Facebook na criação do *self*. Elas estão presentes no site e têm ciência de que isso interfere em sua privacidade. Contudo, cada uma possui um mecanismo próprio de filtragem para minimizar exposição, protegendo-se da platéia invisível.

Com relação à participação no grupo de pessoas que defendem o direito dos animais, as usuárias, - exceto Nínive que não publicou, no período analisado, conteúdo referente ao assunto -, se mobilizam para defender suas ideias, mais uma vez reafirmando as posições de sujeito que ocupam no momento e construindo vínculos de pertencimento ao grupo. Mas, ao mesmo tempo em que se mostram parte desse grupo, utilizam táticas de diferenciação, seja exibindo uma foto diferenciada ou escolhendo um nome e seguindo determinada lógica de reconhecimento. Isso nos remete à distinção que Melucci estabelece entre identidade



do sujeito e identidades coletivas. Para ele, reconhecer-se como parte de um “nós”, de um grupo ou coletivo, envolve tanto definições cognitivas quanto emocionais, por meio das quais se estabelecem as vantagens do pertencimento ao grupo. Configura-se, então, um processo em que cada sujeito individual sente-se parte de um coletivo e é reconhecido por aqueles que o integram como parte dele.

Indivíduos e grupos definem em termos cognitivos e afetivos o campo de possibilidades e limites que eles percebem e ativam simultaneamente suas relações para criar significados a partir de seu comportamento compartilhado para dar sentido a seu ‘estar junto’ e aos objetivos que eles perseguem (MELUCCI, 2001, p.39)

Dessa forma, a discussão acerca da identidade online aqui desenvolvida nos remete ao fato de que só podemos pensar a identidade a partir da comunicação, ou seja, das experiências narrativas, interativas e representacionais. O ambiente do Facebook potencializa tais experiências e, ao nos apresentar a questão: “quem é você?”, nos convida a refletir sobre como nos construímos e narramos nossa existência diante dos outros, sejam eles próximos ou distantes de nós em suas crenças, ideais e opiniões. O importante é que dependemos da alteridade, da diferença, para nos construirmos como sujeitos e para tecer identidades múltiplas, fragmentadas e até incoerentes, encenando-as ininterruptamente a uma ampla platéia.

## 6. Referências

AMOSSY, Ruth. Da noção retórica de ethos à análise do discurso. In: \_\_\_\_\_. (Org.). **Imagens de si no discurso: a construção do ethos**. São Paulo: Contexto, 2005a. p. 9-16.

BRUNO, Fernanda. Máquinas de ver, modos de ser: visibilidade e subjetividade nas novas tecnologias de informação e de comunicação. **Famecos**, n.24, 2004, p.110-124.

CASTELLS, Manuel. **O Poder da Identidade**. 3ªed. São Paulo: Paz e Terra, 2001. (A Era da Informação: economia, sociedade e cultura, 2).

\_\_\_\_\_. **A Sociedade em Rede**. 6ªed. São Paulo: Paz e Terra, 2002. (A Era da Informação: economia, sociedade e cultura, 1).

COSTA, Bruno. **Videografia de si**: Registros do novo Ethos da contemporaneidade. Trabalho apresentado no XVII Encontro Anual da Compós. São Paulo. 2008.

FONSECA, Carlos Alexandre Martins. **Cartografias do self no Facebook**. Dissertação de Mestrado em Sociologia. Universidade de Coimbra, 2010.

FRANÇA, Lílian Cristina Monteiro. **Identidades e nicknames**: A comunicação digital e seus desdobramentos na construção de comunidades virtuais. Trabalho apresentado no XVII Encontro Anual da Compós. Bauru. 2006.

GOFFMAN, E. **A representação do eu na vida cotidiana**. Petrópolis: Vozes, 2005.

HALL, Stuart. **A identidade cultural na pós-modernidade**. 8. ed. Rio de Janeiro: DP&A, 2000.

HALL, Stuart. **Identidade Cultural**. São Paulo: Fundação Memorial da América Latina, 1997.

MELUCCI, Alberto. **A invenção do presente**: movimentos sociais nas sociedades complexas. Petrópolis: Vozes, 2001.

NATAL, Georgia; HOLMER, Jack; FALCÃO, Thiago. Da Mediação do Amar: Rascunhos sobre Sentimentos nas Relações Sociais Online. Texto apresentado no **XXXIII Congresso Brasileiro de Ciências da Comunicação** – Caxias do Sul, RS – 2 a 6 de setembro de 2010.

SILVA, Tomaz Tadeu da. (org). **Identidade e diferença: a perspectiva dos Estudos Culturais**. Petrópolis, RJ, Vozes 2000.

TURKLE, Sherry. **A vida no ecrã**: a identidade na era da internet. Lisboa: Relógio D'Água, 1997.

WOODWARD, Kathryn. Identidade e diferença: uma introdução teórica e conceitual.  
In: SILVA, T.T. da. **Identidade e diferença – a perspectiva dos Estudos Culturais**.  
Petrópolis: RJ, Vozes 2000.